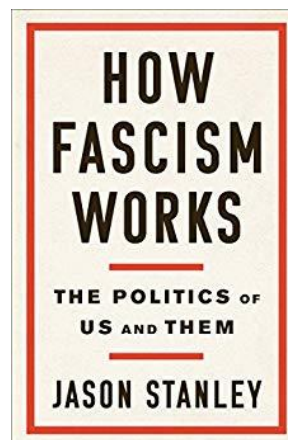


RESENHA

STANLEY, Jason. **How Fascism Works: The Politics of Us and Them.**
Nova Iorque: Random House, 2018, 240 p.

Como o fascismo funciona: a política do Nós contra Eles

FELIPE FREITAS DE SOUZA*



“O fascismo é uma ideologia baseada no poder. A democracia liberal é embasada na liberdade e na igualdade. Liberdade e igualdade requerem a verdade.” O autor Jason Stanley, professor de Filosofia na Universidade de Yale, realizou essa afirmação em 11 de outubro, em entrevista ao *Democracy Now*¹. Apesar de ser uma obra destinada ao público estadunidense, seus apontamentos podem ser realizados frente a outras realidades políticas e oferecem reflexões que estão na ordem do dia para os pesquisadores em diferentes frentes de pesquisa. Citando os casos do governo Trump, Hitler, Erdoğan e Duterte enquanto casos de movimentos ultranacionalistas de extrema direita e que se fundamentam nas estratégias fascistas, o autor utiliza de vários exemplos para explicar as estratégias que explicita.

Em sua Introdução, o autor relata seu interesse pelas táticas fascistas, que são descritas como mecanismos para atingir o poder. Precedendo as violências mais extremas, tais quais os genocídios, o autor indica que as estratégias que descrevemos a seguir são mobilizadas pelos políticos fascistas para darem vazão a seus projetos. O livro remete muito aos Estados Unidos, que apresentaria raízes sólidas tanto para a democracia liberal quanto para o

autoritarismo fascista, mas também abundam outros exemplos ao longo da obra. Em sua proposição, o presente livro seria uma ferramenta para os cidadãos identificarem os autoritarismos em qualquer estágio de seu desenvolvimento.

Os capítulos são dedicados a cada uma das estratégias que a política fascista oferece para seus agentes sociais. A primeira delas é *O Passado Mítico*: a nação teria uma fundamentação própria, seria judaico-cristã, de tradição europeia, patriarcal, ocidental, e tudo aquilo que não está nessa ordem é visto como ameaça pelo grupo fascista. As demandas das populações indígenas seriam afrontas a esse passado mítico, por exemplo, assim como as questões da miscigenação cultural e racial.

A segunda é a *Propaganda*. Apoiando-se em uma estratégia comunicacional com o conluio de órgãos midiáticos tradicionais ou com o uso de redes sociais, a propaganda fascista passa a ser a única realidade sob a qual o indivíduo vive e interpreta o mundo. Tudo o que advém de fora desses meios de propaganda deve ser rechaçado sob a afirmação de ser falsidade, *fake news*. A única fonte de informações confiável é exclusivamente o partido ou grupo ideológico.

A terceira estratégia é a do *Anti-Intelectual*: os ataques sistemáticos aos estudos de gênero, às universidades como antros de doutrinação do marxismo cultural, a defesa do negacionismo do aquecimento global, a valorização da ignorância enfim, são aspectos dessa estratégia. O anti-intelectual muitas vezes encarna-se em um indivíduo, o qual deve ser seguido e cujas ações devem ser apoiadas em prol do bem maior dos verdadeiros membros da nação.

Irrealidade é a quarta estratégia abordada: propagam-se teorias da conspiração, tal qual a de que Barack Obama é na verdade um muçulmano infiltrado ou a conspiração comunista-islâmica para destruir a civilização Ocidental. Deixa-se de viver a realidade, existindo apenas a ideologia fascista enquanto modo de vida para seus seguidores e propagadores. Abandonando-se o solo comum que a educação proporciona, o espaço de deliberação democrática passa a focar aspectos improváveis ou fantasiosos do discurso sobre a sociedade ao invés de lidar com seus problemas reais.

A *Hierarquia*, ou hierarquização social, é a quinta estratégia. Os verdadeiros cidadãos seriam aqueles que se adequam ao sistema de valores nacionais; os que não se encaixam sob essa hierarquia, ou que não a reconhecem, são tidos como ameaças à sociedade. Nessa hierarquização, os refugiados, imigrantes e opositores políticos são cidadãos de segunda categoria, sendo legítimo negar-lhes direitos (mesmo os humanos) em prol da nação. As demandas por reparações históricas também são relativizadas, definidas como falso vitimismo.

A sexta estratégia é a da *Vitimização*. Essa estratégia implica em definir que as verdadeiras vítimas seriam as da

classe dominante: os brancos nos Estados Unidos seriam as vítimas dos negros e migrantes, os conservadores seriam vítimas dos governos comunistas, os cristãos seriam os perseguidos pelo Estado. Cada conquista de direitos de uma minoria seria uma ameaça à nação, a verdadeira vítima.

A sétima estratégia, *Lei e Ordem*, indica que o aparato legal é um dos meios para se garantir os privilégios dos cidadãos: basta não ser um cidadão identificado enquanto verdadeiro para ser sujeito à lei fascista. Desafiando a estrutura que legitima os privilégios dos cidadãos, os desviantes mereceriam o combate ou mesmo a eliminação. Não se reflete mais sobre os problemas sociais, advindos de um processo histórico, mas a essência desses desviantes (“são negros”, “são muçulmanos”, “são homossexuais”) seria o suficiente para serem corrigidos pela ação do grupo no poder.

A *Ansiedade Sexual* é a oitava estratégia. Por ser uma ideologia patriarcal, o fascismo utiliza-se do medo do estupro, por exemplo, para avançar pautas que ferem os direitos humanos da população. Assim, o medo de agressões sexuais é utilizado para gerar-se uma imagem negativa dos grupos que não aqueles identificados com o pensamento nacionalista-fascista.

Sodoma e Gomorra é a nona estratégia. Ela aborda as cidades enquanto *locus* da deturpação nacional. As cidades teriam elementos vadios, que não contribuem através do trabalho para a coletividade, assim como os refugiados que trariam religiões, costumes e culturas que minariam a nação. O multiculturalismo seria um Cavalo de Tróia para minar os valores caros à nação: portanto, as cidades devem ser controladas e

vigiadas em prol da ordem e da segurança nacional.

Arbeith Macht Frei (“O trabalho liberta” – frase escrita no portão do campo de concentração de Auschwitz) é a última estratégia exposta. Sua premissa é a de que os oponentes político-ideológicos são, na verdade, vagabundos, preguiçosos, que sobrevivem usufruindo dos direitos sociais e do bem-estar que a nação construiu, sendo preconizado a eles o valor do trabalho, inclusive forçado, como panaceia para sua alegada falta de compromisso. O trabalhador nacional é idealizado frente ao trabalhador estrangeiro.

No Epílogo da obra, o autor indica que as estratégias para dividir a sociedade entre “nós” e “eles” são o fundamento sob o qual as perseguições ocorreram, ocorrem ou poderão ocorrer. Os alvos das políticas fascistas (refugiados, feministas, sindicatos, trabalhadores estrangeiros, minorias étnicas, religiosas ou sexuais) continuarão enfrentando, frente às estratégias arroladas anteriormente, desafios para viverem em sociedade. Isso porque ocorre a normalização de comportamentos moralmente abjetos, viabilizada pela ideologia fascista e a violência, física e simbólica, se estabelece como aceitável.

A obra certamente aposta em algumas generalizações, encaixando sobre o mesmo rótulo diferentes ações que devem ser analisadas em seu contexto. Na verdade, tal generalização se faz necessária para que seja possível compreender as estratégias vigentes dos agentes sociais pró- e profascistas: na atual conjuntura, é preciso compreender a ascensão da extrema direita em um movimento internacional amplo, que não se restringe a esse ou aquele país, e que objetiva consolidar os interesses do Capital.

Por fim, as estratégias discursivas dos ideólogos fascistas e autoritários são desnudadas na presente obra. Sua tradução será muito bem-vinda, visto que no pleito de 2018 houve o fortalecimento político no Brasil de grupos que mobilizam tais estratégias e o uso delas pelo presidente eleito Jair Bolsonaro e seus familiares políticos é óbvio. Evidenciá-las é uma das formas de combatê-las: se uma das chaves fundamentais da estratégia fascista é a mentira, somente o conhecimento poderá favorecer um ambiente efetivamente democrático, de diálogo, e que não se fundamente no ódio.

Recebido em 2018-11-19
Publicado em 2018-12-06

* FELIPE FREITAS DE SOUZA é Pedagogo, Mestre em Educação Tecnológica.

ⁱ Disponível em youtu.be/1IudxblV_NY – acesso em 18/11/2018.